



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

**SHARA LETÍCIA FELIX DE SOUZA**

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM “O TREMOR”, DE CHIMAMANDA  
NGOZIE ADICHIE**

**GUARABIRA  
2021**

SHARA LETÍCIA FELIX DE SOUZA

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM “O TREMOR”, DE CHIMAMANDA  
NGOZIE ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Escrita Feminina Negra

**Orientador:** Prof. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

**GUARABIRA**

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729r Souza, Shara Letícia Felix de.  
A representação do feminino em "O tremor", de Chimamanda Ngozie Adichie [manuscrito] / Shara Letícia Felix de Souza. - 2021.  
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Feminismo. 2. Sexismo. 3. Empoderamento. 4. Racismo. 5. Religião. 6. O tremor. I. Título

21. ed. CDD 305.4

SHARA LETÍCIA FÉLIX DE SOUZA

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM “O TREMOR”, DE CHIMAMANDA  
NGOZIE ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de graduado em Letras  
Inglês.

Área de concentração: Literatura  
Feminina Negra

Aprovada em: 01/10/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. M<sup>a</sup>. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rosângela Neres Araújo da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael Francisco Braz

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

“Dedico esse artigo primeiramente a Deus, e segundo a minha mãe, que não pôde participar dessa vitória fisicamente, mas que está presente em espírito, por todo apoio e coragem que me foi dado para não desistir. As minhas tias e prima por toda força e auxílio para superar os obstáculos que me trouxeram até aqui. E a minha orientadora Clara Mayara pelo suporte que me foi dado.”

“Você precisa apenas estar grata a Deus.”  
(ADICHIE, 2017, p. 79)

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>8</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: ALGUMAS NOTAS</b>	<b>9</b>
<b>3 ESCRITA FEMININA</b>	<b>11</b>
<b>3.1 O FEMINISMO NEGRO</b>	<b>13</b>
<b>4 UMA LEITURA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM “O TREMOR”</b>	<b>15</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>20</b>

# A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM “O TREMOR”, DE CHIMAMANDA NGOZIE ADICHIE

Shara Letícia Felix de Souza<sup>1</sup>

## RESUMO

Este estudo é de caráter qualitativo, bibliográfico e documental, no qual objetivamos desenvolver uma análise crítica sobre o conto “O tremor”, do livro intitulado *No pescoço*, da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, o qual toma como base as considerações a cerca da representação do feminino. Para tanto foram utilizadas obras de alguns escritores para sua fundamentação teórica tais como Duby & Perrot (1995), Tedeschi (2016) e Hooks (1981) que discutem sobre o feminino, feminismo e o feminismo negro, evidenciando a luta da mulher para ter direitos igualitários ante o sexismo e o racismo enraizado na sociedade. Esta obra foi escolhida como base do estudo por ser um conto que fala sobre religião e as circunstâncias que nos fazem acreditar ou descreer da nossa fé. Este artigo traz novas vertentes como a importância da desconstrução de estereótipos e a valorização da mulher negra na literatura podendo assim conceder um novo panorama para aqueles que desejam estudá-la.

**Palavras-chave:** Feminismo. Sexismo. Empoderamento. Racismo. Religião. O tremor.

## ABSTRACT

This study is qualitative and bibliographical documentary in which a critical analysis was developed about the short story “The shivering” in the book *The thing around your neck* of the writer Chimamanda Ngozi Adichie, based on considerations about the representation of the feminine. For this purpose, works of some writers for its theoretical ground such as Duby & Perrot (1995), Tedeschi (2016) e Hooks (1981) who study the female, the feminism, and the black feminism, highlighting the struggle of women to have equal rights in the face of sexism and racism rooted in society. This work was chosen as the basis for the study because it is a tale that talks about religion and the circumstances that make us believe or disbelieve in our faith This article brings new aspects such as the importance of deconstructing stereotypes and the appreciation of black women in literature, thus providing a new panorama for those who wish to study them.

**Keywords:** Feminism. Sexism. Empowerment. Racism. Religion. The Shivering.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Inglesa, Campus III, Centro de Humanidades “Osmar de Aquino”, Guarabira.  
E-mail: profsharaleticia@gmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

A obra a ser estudada possui 12 contos, onde a autora tem a delicadeza de contar um pouco de sua cultura em cada um deles.. O objetivo geral desse estudo é analisar de forma qualitativa o conto *O tremor*, que está inserido no livro *No seu pescoço* que é de autoria feminina negra, a partir de ponderações da teoria feminista. Sendo este, dividido em 5 tópicos e 1 subtópico : Análise, notas sobre a autora da obra, escrita feminina, o feminismo negro, uma leitura sobre a representação do feminino em “O Tremor” e Considerações finais. Tendo como suporte técnico algumas obras como *Ain’t I a woman Black: Women and Feminism* (1981) de Bell Hooks que relata as vivências da mulher negra e os percalços pelos quais elas foram obrigadas a passar para conseguir um lugar que já era seu por direito mas que, por ser mulher elas tinham ainda mais um “agravante”, ser negra o que dificultava ainda mais a sua introdução nas decisões legislativas ou até mesmo sociais.

Este estudo é importante para mostrar que a história da mulher não foi fácil mas que é uma história para se orgulhar pois apesar do preconceito, a opressão não conseguiu oprimir e parar as mulheres para com os seus objetivos. Para mostrar a importância de implementar a Literatura feminina negra, ensinar sobre as ondas do feminismo, sobre os obstáculos pelos quais elas foram submetidas, e que esta luta não é uma militância sem fundamentos, podendo assim quebrar os paradigmas que até hoje estão estabelecidos.

O conto *O tremor* tem um diferencial, que é mostrar a cultura negra e a diferença entre pessoas de condições financeiras e sociais. A forma como as pessoas com menos poder aquisitivo pode ser agredida verbal e psicologicamente por pessoas da mesma raça. Evidenciando que o preconceito existe onde devia haver apoio, tendo em vista que a luta racial já é uma questão de difícil aceitação. Adichie também traz a questão religiosa, onde ela põe duas pessoas com personalidade e poder aquisitivo diferentes: um devoto pentecostal e uma “descrente” católica, onde a fé de ambos é posta à prova, onde uma prefere acreditar no amor de alguém que não a corresponde do que acreditar na existência de Deus e acaba se afastando da igreja. Mas quando algo trágico lhe acontece, ela volta a sentir a presença Dele em sua vida.

## 2 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: ALGUMAS NOTAS

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em 15 de setembro de 1977, na cidade de Enugu, localizada na Nigéria. Ela é filha de Grace Ifeoma e James Nwoye Adichie, sendo a quinta progênita do casal, que tiveram 6 no total. Seu nome vem de origem Igbo, língua convencional da Nigéria, que tem como significado “Meu Deus não me faltará”. Tornou-se uma escritora literária renomada por sua grande valorização da cultura Africana, tornando-a conhecida mundialmente; tal reconhecimento pode ser observado pela quantidade de traduções de suas obras, as quais foram transladadas para mais de trinta idiomas.

Adichie morou por um tempo em Nsukka, no sudeste da Nigéria, onde sua mãe trabalhava como secretária e seu pai era professor de estatística na Universidade da Nigéria. Por esse motivo, Chimamanda Adichie e seus irmãos estudaram na escola da instituição e onde, mais tarde, Chimamanda ingressaria no curso de Medicina, o qual cursou durante um ano e meio. Enquanto ainda estava estudando medicina, participou de uma revista intitulada *The Compass*, na qual ela era editora e trabalhava com seus colegas de curso; foi a partir daí que surgiu sua paixão pela escrita.

Em 1996, aos 19 anos, a jovem decidiu seguir seu sonho, já que não se identificava com o curso anterior. Sendo assim, partiu para os Estados Unidos onde cursaria Comunicação e Ciência Política na *Drexel University*, localizada na Philadelphia, porém transferiu-se para a *Eastern Connecticut State University*. No ano de 2003, Adichie tornou-se mestre em Redação Literária pela Universidade John Hopkins, em Baltimore, no estado de Maryland. Dando continuidade à carreira acadêmica, cinco anos depois completou mais um mestrado, dessa vez em Estudos Africanos, na Universidade de Yale, em Connecticut.

Em 2003, no mesmo ano em que ele concluiu seu mestrado, foi lançada a sua primeira obra, *Purple Hibiscus*, que ganhou o prêmio *Commonwealth Writers* e o *Hurston/Wright Legacy Award*. Sua segunda obra intitula-se *Half of a Yellow Sun* com a qual conquistou o *Orange Prize for Fiction* no ano de 2007. Em 2009, lançou mais uma obra chamada *The Thing Around Your Neck*, obra esta que servirá de objeto de estudo para este artigo. Suas obras mais recentes são: *Americanah* (2013), *We should be feminists* (2014), *Dear Ijeawale, or a Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions* (2017) e *Notes on Grief* que foi publicado em 2021 ano no mês de maio.

Chimamanda, além de escritora também é conferencista, ela participou de várias apresentações no TED Talk [*Technology, Entertainment, Design*], e uma delas se tornou muito famosa e popular, a qual intitulou o seu livro homônimo *We Should Be Feminists*. Seu discurso teve tanta visibilidade que trechos de sua fala foram utilizados para uma canção da cantora Beyoncé, intitulada *Flawless*, em seu disco *Lemonade*; além disso, a marca Dior fez uma coleção de camisetas com o tema. Em sua trajetória de ativista social, a escritora iniciou uma grande mobilização em relação ao racismo, com isso a sua forma de escrita atraiu a atenção de leitores de todas as faixas etárias para conhecerem um pouco mais da cultura africana, uma vez que são representados sob o estigma de um continente onde só há pobreza e fome. Destarte, Adichie busca promover a desconstrução desses estereótipos ao mostrar que o seu país não se limita apenas à pobreza e condições precárias de sobrevivência.

Adichie fala para todos os públicos, dessa maneira ela conseguiu atingir até mesmo o olhar infantil com seu livro *Dear Ijeawale, or a Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions* que traduzido para o português como *Para educar crianças feministas*, que consiste em mostrar a importância da igualdade de gênero desde a infância, para que cresçam entendendo que “lugar de mulher é onde ela quiser”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Esta frase remete ao livro homônimo de Patrícia Lages.

Em entrevista para a *Marie Claire*<sup>3</sup>, Chimamanda foi perguntada se os homens podem ser feministas, e a sua resposta foi sim, e ainda acrescentou explicando o porquê da importância de homens feministas ao afirmar que homens não só podem como devem ser feministas. Logo, o que se precisa ser entendido é que as mulheres ainda não têm os mesmos direitos que os homens. Assim, é necessário querer fazer algo para mudar esse panorama histórica e socialmente enraizados em nossa sociedade, e que somente dessa forma ele será feminista.

Mas qual a importância dos homens serem feministas? Tal importância reside no fato que nós convivemos em sociedade uns com os outros diariamente e as mulheres precisam ter os seus direitos civis e políticos preservados, então, se somente as mulheres entenderem a necessidade desse fato, será uma luta em vão, pois nós partilhamos um mundo. Adichie compara o movimento feminista com o Antirracismo, pois ambos buscam por justiça e por direitos igualitários. De certa forma, homens ouvem sujeitos do seu mesmo gênero, desse modo eles teriam uma força maior de persuasão diante de outros homens, pois eles ouviriam com mais facilidade e atenção.

### 3 ESCRITA FEMININA

A mulher por muito tempo foi tratada como um objeto, uma pessoa designada a reproduzir e cuidar das atividades do lar que, durante muito tempo, não puderam estudar. Vale ressaltar que somente aquelas que eram de família com maior poder aquisitivo podiam ter acesso à educação formal, embora isto ainda ocorresse de forma mais restrita o que muitas vezes requeria um professor particular, pois não podiam receber a mesma educação do sexo oposto. Atitudes como esta eram feitas para que a mulher jamais pudesse imaginar que poderia ter um direito de escolha e, se não o soubesse, ela seria manipulável.

Ao internalizar a naturalidade da discriminação, impostas pelas representações e discursos, torna-se difícil para a mulher romper com essa imagem de desvalorização de si mesma. Ela acaba aceitando como natural sua condição de subordinada, vendo-se através dos olhos masculinos, incorporando e retransmitindo a imagem de si mesma criada pela cultura que a discrimina, indo ao que chamamos de consentimento. (TEDESCHI, 2016, P. 159)

Foram muitos anos de repressão e muitas tentativas (bem sucedidas) de calar essas mulheres, as quais foram convencidas de que podiam deixar seus sonhos de lado para viver em função de seu pai, marido e filho. Enquanto isso, aquelas que ainda ousaram viver seus sonhos, foram depreciadas e tratadas como um ser medíocre.

Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? (DUBY e PERROT, 1990, p. 7)

<sup>3</sup> Matéria disponível em: <  
<https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/07/chimamanda-voz-do-feminismo-critica-o-racismo-e-defende-homens-feministas.html>>. Acesso em 21 de jul. de 2021.

Apesar de não serem “vistas”, tampouco ouvidas, e não terem o devido reconhecimento, as mulheres promoveram grandes contribuições para a história literária e social, pois ser feminista numa sociedade extremamente androcentrista é um grande desafio. Conseguir lutar pelos seus direitos e por um lugar de valorização em meio a uma sociedade falocêntrica e patriarcal, na qual queriam silenciar sua voz para manter o “bom convívio” social, é uma forma de resistência contra os dispositivos de silenciamento, onde quem decidia as leis e como a vida seria regida eram todos do sexo masculino.

Durante muito tempo, foram negadas às mulheres a autonomia e a subjetividade necessárias à criação, consequência da manipulação, do controle da palavra e da escrita. Isso assegurou a instalação do poder, da lei, do imaginário social na História (com H maiúsculo), e também trouxe como consequência a legitimação de uma minoria social, que assegurou, determinou e confinou as ferramentas do pensar, vedando às mulheres o livre exercício da autonomia do narrar e do escrever. (TEDESCHI, 2016, Pág. 155)

Ao longo dos anos, a mulher vem conseguindo seu espaço, mesmo que ainda não seja o desejado. Dentre essas conquistas estão o direito ao voto, à educação igualitária, a ter um trabalho assalariado [apesar de até hoje ainda haver certa discrepância], à licença-maternidade e entre outros. Nos Estados Unidos, por exemplo, a questão feminista só se tornou um ponto a ser discutido quando veio à tona a reivindicação do sufrágio feminino e os pedidos para participar das decisões legislativas, que até então eram decididos pelos homens.

Desse modo, também podemos observar na história literária que muitas mulheres se escondiam por medo de serem massacradas, oprimidas e silenciadas, por isso muitas optavam por guardar seus escritos. Assim, é graças às reivindicações e lutas feministas que agora é possível lermos tais textos e que as mulheres podem publicar seus escritos sem precisar esconder a sua personalidade, além de reivindicar a autoria de tais textos. Embora nos pareça distante tal realidade, durante muito tempo foi comum a prática de mulheres esconderem seus nomes, passando a utilizar cognomes de preferência nomes masculinos, para que assim pudessem expor a sua paixão, por mais que não recebessem reconhecimento algum por isso. Assim, muitas dessas obras não são reconhecidas como obras históricas, mas auxiliaram em várias análises científicas. Desse modo, podemos verificar que a partir do século XVIII, elas conseguem essa “permissão” contanto que não ferissem os bons costumes.

Um dos primeiros livros a quebrar o paradigma de que a mulher não tem a permissão de escrever foi *A Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, lançado no ano de 1792, que contava sobre a luta do direito das mulheres a ter uma educação igualitária e de qualidade. Um grande feito para aquela época, pois abriu espaço para uma discussão muito necessária. De acordo com Pierre Bourdieu (1995) não basta ser do sexo feminino para conhecer a história das mulheres, é necessário conhecer os diversos discursos para assegurar quais os seus direitos para poder lutar e ter argumentos para defender causa quando se é contestado.

Em adição a essa discussão, um termo muito usado nos movimentos feministas é o empoderamento que significa ter domínio de sua própria vida; ter

poder para mostrar às mulheres que elas são responsáveis pelo seu destino e que podem buscar os seus sonhos e lutar pelos seus direitos, pois isso só depende delas. A libertação da mulher no mundo literário representa a sua identidade, força, a sua autoridade de influenciar outras mulheres com as suas ideias e assim mudar a vida de muitas pessoas.

A construção e a conquista de políticas públicas sobre equidade de gênero, para corrigir séculos de desigualdade, são reconhecidos como tentativas de empoderamento das mulheres. O empoderamento deve capacitar as mulheres para assumir o poder levando em conta as relações de poder entre homem e mulher, hierarquicamente construídas. (TEDESCHI, 2016, P. 162)

Um dos grandes marcos históricos do movimento feministas foram as três ondas do feminismo, sendo a Primeira Onda iniciada em meados do século XIX, seus protestos exigiam a educação formal, direito ao voto e fim dos casamentos sem consentimento. Uma das grandes vitórias dessa onda foi a aprovação do método contraceptivo, que permitia a mulher ter controle de seu corpo e assim controlar a natalidade.

A Segunda Onda Feminista aconteceu entre as décadas de 60 e 80, sendo ela a continuação da Primeira Onda. O diferencial entre as duas é que, na Segunda as mulheres lutam para que a segregação cesse e passem a ter mais espaço na sociedade para que assim consigam igualdade entre os gêneros. O manifesto ganhou um slogan muito conhecido até hoje, o “O pessoal é político”, criado pela feminista Carol Hanisch com o intuito de acabar o sexismo enraizado.

E a última, chamada Terceira Onda do Feminismo, surgiu para reparar as falhas da Segunda Onda; observar onde o movimento estava sendo ineficaz para que conseguissem fazer melhorias mais detalhadas em prol das mulheres, dando o valor necessário à causa. Foi a partir deste movimento que passou a ser contestado o padrão branco de classe média alta e as mulheres negras passaram a ser mais ativas no movimento, reivindicando os seus direitos e mostrando as diferenças vividas pelas mulheres que tinham menor poder aquisitivo, o que isso não as ausenta de ter voz e participar do movimento.

### 3.1 O FEMINISMO NEGRO

Por muito tempo a voz das mulheres foi silenciada e, por isso, foram à luta pela garantia de seus direitos para conseguir igualdade entre os gêneros, mas um fato importante é importante destacar: nem todas as mulheres podiam lutar pela causa feminista, pois elas estavam condicionadas a somente lutar pela questão racial e que só isso bastava, como se essa ação anulasse o seu “eu” feminino. Então foram pressionadas a dizer que a questão feminina não se equiparava à luta dos negros, fato que contribuiu para uma dupla opressão do feminino. Uma das vozes que chama a atenção para esse fato é a de Anna Cooper que, no *World Congress of Representative Women*, proferiu as seguintes palavras a respeito do estatuto das mulheres negras:

A maioria de nossas mulheres não são heroínas, mas não sei se a maioria de qualquer raça de mulheres são heroínas. Basta-me saber

que, embora aos olhos do mais alto tribunal da América ela fosse considerada nada mais do que um bem, uma coisa irresponsável, um bloco monótono, a ser arrastado para lá ou para cá pela vontade de um proprietário, a mulher afro-americana manteve ideais jamais concebido de feminilidade sem vergonha de ninguém. Repousando ou fermentando em mentes não treinadas, tais ideais não podiam ser ouvidos no tribunal da nação. A mulher branca pelo menos poderia pleitear sua própria emancipação; a mulher negra, duplamente escravizada, só podia sofrer, lutar e ficar em silêncio (COOPER, 2007, p. 2)<sup>4</sup>.

As palavras de Anna Cooper colocam em paralelo mulheres brancas e negras ao compará-las a heroínas, ao mesmo tempo em que chama a atenção para o fato que, independente de raça, mulheres brancas e negras deveriam ser vistas como sujeitos sociais com direitos iguais. Assim, a sua fala atenta para o fato de que, embora fosse considerada inferior ao homem, a mulher branca ainda tinha a possibilidade de lutar por sua emancipação. Enquanto isso, a mulher negra era subjugada e escravizada pelo sistema patriarcal, falocêntrico e androcêntrico que submetia a sua identidade e subjetividade à figura masculina tanto do sujeito hegemônico branco quanto do negro que era de seu próprio povo.

Assim, observamos a denúncia que Cooper faz ao fato de que os homens eram antagonistas à questão feminina; até mesmo os ativistas negros que “compreendiam” o movimento foram incluídos, pois nada podiam fazer ou opinar sobre o assunto, uma vez que eles também lutavam por um lugar de aceitação e para ter os seus direitos, principalmente o de voto. Foi daí que Sojourner Truth decidiu quebrar esse silêncio ensurdecido, argumentando o porquê de não somente os homens negros terem direito ao voto, mas as mulheres negras também. Pois, se isso não acontecesse, as mulheres continuariam sendo vistas como criaturas manipuláveis e submissas aos homens, dando ainda mais ênfase ao patriarcalismo.

Nos anos 60 do século XX, podemos destacar nos Estados Unidos da América, por exemplo, o início da luta por direitos civis para o povo negro e contra o racismo que lhes foram impostos, para se tornarem cidadãos americanos com direitos igualitários. Entretanto, os ativistas negros exigiram que as mulheres se posicionassem em apoio ao sexismo, bem como elas também deveriam se moldar para servi-los, indo totalmente contra o que elas acreditavam. Observado este fato, qual seria o benefício para as mulheres se tudo continuaria da mesma forma para elas, se tudo beneficiaria apenas o homem?. Desse modo, seria mantida a subserviência e objetificação do feminino em relação à figura masculina, haja vista que elas não poderiam opinar em nada. A luta das mulheres negras, naquele momento, não era somente pelos seus direitos que a causa feminista advogava ou

---

<sup>4</sup> No original: “*The majority of our women are not heroines but I do not know that a majority of any race of women are heroines. It is enough for me to know that while in the eyes of the highest tribunal in America she was deemed no more than a chattel, an irresponsible thing, a dull block, to be drawn hither or thither at the volition of an owner, the Afro American woman maintained ideals of womanhood unshamed by any ever conceived. Resting or fermenting in untutored minds, such ideals could not claim a hearing at the bar of the nation. The white woman could least plead for her own emancipation; the black woman, doubly enslaved, could but suffer and struggle and be silente*”. (Disponível em: <<https://www.blackpast.org/african-american-history/1893-anna-julia-cooper-womens-cause-one-and-universal/>>. Acesso em 18 de set. de 2021).

pelo racismo, mas também pelo silenciamento e inferiorização causados pelo sexismo negro.

Toda a causa feminista tem sua importância, pois todas as mulheres precisam ter os seus direitos garantidos e que estes sejam iguais entre os gêneros. Não é admissível que os homens possuam mais direitos do que as mulheres, fazendo do gênero uma prerrogativa que garanta a superioridade econômica, financeira, social etc. Todavia, é importante salientar que as mulheres negras sofreram duas vezes mais violências e injustiças, tanto pelo sexismo quanto pelo racismo das suas próprias parceiras da causa feminista, além da sua subjugação promovida pelos homens de seu próprio povo. Quando o movimento estava em seu ápice, testemunhamos as mulheres brancas irem para as ruas e abdicaram de suas atividades domésticas e maternais, enquanto as mulheres negras não tiveram essa opção, haja vista que elas, sob perspectivas essencialistas, eram concebidas como figuras que deveriam ser subservientes e objetos sexuais para o público masculinos.

Quando o povo negro é falado o sexismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras; quando as mulheres são faladas o racismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras. Quando o povo negro é falado a tendência é focada nos homens negros; e quando as mulheres são faladas a tendência recai sobre as mulheres brancas. (HOOKS, 1981, P. 8)

Apesar de haver esse preconceito nítido das mulheres brancas para com as negras, é necessário compreender também que elas foram submetidas a uma doutrinação racista e sexista, em que a sua raça era considerada superior, por isso deveriam ter os melhores cargos e que suas opiniões possuíam pesos bem maiores do que aqueles que não possuem voz ativa, os quais por toda vida foram silenciados, humilhados e que passaram por vários tipos estigmatização.

Enquanto participavam no movimento de mulheres elas descobriram nos seus diálogos com as mulheres brancas nos grupos, nas classes de estudos de mulheres, nas conferências, que a sua confiança tinha sido traída. Elas descobriram que as mulheres brancas tinham-se apropriado do feminismo para avançar a sua própria causa, ou seja, o seu desejo de entrar no capitalismo americano convencional (mainstream). Foi-lhes dito que as mulheres brancas estavam em maioria e que tinham o poder de decidir que questões seriam consideradas questões "feministas". (HOOKS, 1981, P. 108)

A luta feminista negra teve apoio de grandes mulheres que não se deixaram silenciar; as quais decidiram escrever sobre o que elas eram obrigadas a suportar e que decidiram que mereciam viver em uma sociedade democrática, onde elas poderiam ter um futuro digno. A partir disso, elas poderiam ser donas do seu destino e livres para tomar as suas próprias decisões sem ter a figura masculina para lhes impor algo.

É nítido que a luta feminista negra foi [e ainda é] árdua e muito dolorosa, que passaram por muitos obstáculos até conseguirem um lugar em que pudessem ser vistas e ouvidas. Contudo, até hoje muitas ainda são submetidas a situações desconfortáveis, mas é preciso lembrar que também houveram mulheres fortes que enfrentaram todas as barreiras que lhes eram impostas e que, se hoje as mulheres

negras possuem espaço para reivindicações por menor que seja, é devido as essas mulheres que lutaram no passado.

É por vozes de mulheres como Anna Cooper, Bell Hooks, Sojourner Truth, Buchi Emecheta, Alice Walker, Maya Angelou, Octavia Butler, Toni Morrison, Margaret Walker, Chimamanda N. Adichie entre tantas outras, que o feminismo negro finalmente teve sua devida ascensão e lugar de destaque. Mulheres estas que utilizaram sua visibilidade e a sua voz para uma causa que não tinha o destaque necessário. Assim, elas não tiveram medo de expor as suas opiniões, suas vivências e, assim, serviram de inspiração para outras mulheres não se calarem, não permitirem ser oprimidas e que elas fossem escritoras do seu próprio destino.

#### **4 UMA LEITURA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM “O TREMOR”**

Conforme proposto anteriormente, este trabalho traz uma leitura sobre o conto “O Tremor”, presente no livro *No seu pescoço* de Chimamanda Ngozi Adichie. A história inicia com a sua ambientação em Princeton, Estados Unidos, lugar onde a personagem principal estuda, mas este lugar não é sua cidade natal. Assim como a autora, Ukamaka é Nigeriana e apenas vive nos Estados Unidos. Um dos traços mais perceptíveis de seus textos é que Adichie não deixa suas raízes para trás, sempre encontra uma forma de encaixar sua cultura.

O conto inicia-se com a chegada de duas notícias desoladoras, o que acaba sendo uma coincidência do destino apesar de nenhum fato ter ligação com o outro, os quais são: a morte da primeira dama na Nigéria após uma cirurgia; e a queda de um avião, tragédia que ocorreu no mesmo país. Notícias estas que deixam Ukamaka muito apreensiva, mas inicialmente não se sabe o porquê.

Enquanto a personagem principal atualiza o site de notícias e verifica fotos dos destroços a procura de algo, alguém bate à sua porta, o que ela a considera estranho já que ela não recebe muitas visitas, haja vista que, as poucas pessoas que a visitam, avisam-na antes de ir. Era um homem negro e gorducho, usando um casaco folgado no qual estava escrito “Princeton”, identificando-se como Chinedu.

Chinedu se apresenta e diz que também é Nigeriano, e ele que queria rezar pelo país na esperança de que houvesse um sobrevivente nesse desastre. Mas o fato que deixa Ukamaka desconfiada é ele saber que ela veio da Nigéria e qual o seu apartamento, sem sequer ter trocado uma palavra com ela antes. Entretanto, ele explica que sempre conhece as pessoas de sua cultura devido aos seus trejeitos e que a reconheceu, mas precisou olhar na correspondência dela para encontrar o local.

No momento em que eles começam a rezar pelas pessoas do desastre e seus familiares, Ukamaka se sente desconfortável pelo jeito que Chinedu ora, visto que ele é da religião pentecostal e ela uma católica não-assídua. Chinedu gritava e falava coisas do tipo “amarrar os demônios”, o que fez com que Ukamaka tivesse vontade de interrompê-lo, contudo ela não queria soar hipócrita ou descrente.

Todavia, acontece algo diferente com Ukamaka, a qual começa a sentir um tremor incontrolável por todas as extensões de seu corpo. Este fato faz com que ela comece a questionar se aquela sensação era devido ao nervosismo ao qual ela foi exposta, ou se era a presença divina em razão de que estavam orando pelas vítimas. Este fato, então, faz a personagem lembrar de uma experiência de anos atrás.



Anteriormente a este episódio, Ukamaka era uma fiel católica, a qual comparecia a todas as missas sem perder ao menos uma, rezava o seu terço cotidianamente como se fosse um ritual para ela. Em um desses dias, após ela fazer seu rosário, começaram a sair palavras incompreensíveis de sua boca, como se ela estivesse sendo levada por uma força maior, uma força divina. Então, ela começa a se perguntar como pode ter criado algo que nem sequer ela queria.

Durara apenas alguns meros segundos, aquela torrente de palavras incompreensíveis no meio de uma ave-maria, mas, no fim do rosário, Ukamaka realmente se sentira aterrorizada e segura de que aquela sensação fresca e ofuscante que lhe envolvera era Deus. Udenna era a única pessoa a quem já tinha contado isso e ele dissera que aquela experiência fora criada por ela mesma. Mas como é possível, perguntara ela, como posso ter criado algo que eu nem sequer queria? No entanto, finalmente Ukamaka concordara com ele, como sempre concordava com ele sobre quase tudo, e disse que realmente tinha imaginado a sensação. (ADICHIE, 2017, p.75)

Desse modo, é a partir daí que ela tenta compreender o que está havendo, haja vista que ela não é mais uma fiel assídua da igreja e nem entende o porquê de Deus ter tentado tocá-la dessa forma, já que ela se tornou alguém com tão pouca fé. Em um desses momentos de descrença, ela chegou até a comparar a fé com o Papai Noel, dizendo que, depois que pessoas crescem, elas deixam de acreditar nele [Papai Noel/Deus].

Um outro tópico interessante nesse conto é que a autora entrega o plot-twist já nas primeiras páginas, ao invés de segurar o leitor até o final. Plot-twist este que seria a possibilidade de Udenna, ex-namorado de Ukamaka, estar ou não dentro daquele avião. Será que ela teria perdido seu grande amor nesse desastre? Mas é importante ressaltar que Adichie não faz isso, pois o ponto principal da história está em como a religião pode estar presente de formas diferentes nas pessoas.

Pelo fato de Chinedu possuir uma fé inabalável e, por isso, acreditar que tudo que Deus faz tem um propósito, pois as decisões de Deus não são cognoscíveis para os humanos, uma vez que as suas razões vão muito além disso. Por sua vez, Ukamaka não consegue compreender como Deus pode ter permitido que um avião caísse com tantas pessoas, indivíduos estes que estavam indo ao encontro de sua família, além de crianças inocentes que não tem maldade alguma e não tinham pecados para serem castigados.

Um outro ponto muito presente na história é o amor incondicional de Ukamaka por Udenna, mesmo após o término. Ela ainda possuía as fotos dele em sua estante, continuava comprando nos mesmos lugares onde costumava ir com ele, cozinhava a comida bem apimentada apesar de não gostar, só porque era assim que Udenna gostava. Desse modo, a protagonista deixa pra trás muito de seus planos para seguir os planos dele, quando nem sequer ele perguntou se era isso que ela queria.

“Estagnado” foi a palavra que ele usou. Ele não estava saindo com mais ninguém, mas o namoro tinha se tornado estagnado. Estagnado, apesar de Ukamaka estar organizando sua vida de forma a encaixá-la na dele há três anos. Estagnado, apesar de Ukamaka ter começado a insistir com o tio, que era senador, que lhe arrumasse um emprego em Abuja quando ela se formasse, pois Udenna queria voltar para lá

depois de terminar a pós-graduação e começar a construir o que ele chamava de “capital político” para quando fosse se candidatar a governador do estado de Anambra. Estagnado, apesar de Ukamaka fazer seus cozidos com pimenta malagueta agora, do jeito que ele gostava. (ADICHIE, 2017, p. 76-77)

De acordo com as experiências que ela conta para Chinedu, é nítido que o seu ex-namorado não a amava, mas que ela, por amá-lo tanto, não conseguia enxergar suas atitudes. Udenna nunca dizia eu te amo, pois era muito clichê; falava mal da universidade de graduação dela, dizendo ser fraca e superficial, que só a dele tinha qualidade e pessoas de alto escalão. Desprezava pessoas com menos condições por achar que não eram dignas de sua presença e que, provavelmente, teria tratado muito mal Chinedu pelo seu jeito simples e humilde, já que esnobou um colega de curso justamente por ter essas características.

Udena era ser um arrogante que possuía um ar de superioridade por vir de uma família nigeriana de poder aquisitivo alto, achava que não poderia se “misturar” com pessoas pobres pois isso afetaria o seu status social, que para ele era mais importante que ter amigos ou uma namorada que o ama, já que seu único objetivo era se tornar poderoso acima de qualquer coisa. Além disso, toda e qualquer conquista de Ukamaka ele sentia a necessidade de inferiorizá-la para amaciar o seu ego, tentando oprimi-la silenciando os seus feitos.

Assim, o comportamento de Ukamaka em relação a Udenna é de uma grande co-dependência emocional, pois ela depende de sua aprovação, se anula diante da figura masculina e sofre por não conseguir focar em suas neces. No que concerne à codependência, de acordo com Humberg (2003), observamos que:

Co-dependência é uma doença de perda da auto-estima e pode ser definida como qualquer sofrimento ou disfunção que seja associada ou resulte em focar nas necessidades e comportamentos dos outros. Co-dependentes ficam tão preocupados com os outros que negligenciam suas próprias necessidades (WHITFIELD, 1997). Os autores acrescentam ainda que é a mais comum das adições, e é a base a partir da qual emergem todas as outras compulsões e comportamentos compulsivos. Co-dependência é um padrão de dolorosa dependência por comportamentos compulsivos e por aprovação dos outros para encontrar segurança, sentimento de ter valor e identidade (TREADWAY, 1990 *apud* ANDERSON, 1994).

Ukamaka possuía uma grande co-dependência emocional para com Udenna, mas ele não dava nenhum retorno para esse amor dela. Assim, sempre demonstrava ser uma pessoa arrogante, uma vez que somente a sua opinião era aceitável. Um típico relacionamento tóxico em que a levou a desistir de trabalhar em uma ONG em Lagos para apoiá-lo na política em Abuja.

Assim, em sua relação com Deus e ao repensar as atitudes de seu ex-namorado, a própria Ukamaka diz não entender o porquê de Deus ter protegido Udenna, embora tenha permitido que a tragédia acontecesse já que ele não era um amor de pessoa. Ela tinha noção do mal que ele fazia a ela, mas mesmo assim não conseguia se desprender do passado. Dessa maneira, se ele tivesse o mínimo de consideração para com ela, ele teria ligado para dizer que estava tudo bem, que ele estava em segurança e que não tinha razão para ela ficar preocupada, mas ele não o fez.

A história de [des]amor Chinedu e Abidemi tem semelhanças com a dela, porém com atitudes bem diferentes. Abidemi era filho de um homem com muito poder, era banqueiro, já Chinedu trabalhava para ele no atendimento ao consumidor e, por mais que parecesse impossível desse amor acontecer, eles tentaram porque o sentimento era maior que toda situação. Porém, Abidemi começa a ser abusivo, compra um carro para Chinedu, sem que o consultasse, exige que diga para onde ele iria e com quem iria, fazendo com que Chinedu passasse por circunstâncias constrangedoras.

Abidemi lhe dera seu cartão, dizendo “me liga”, sem rodeios. Era assim que Abidemi conduziria o namoro pelos próximos dois anos, querendo saber aonde Chinedu ia e o que fazia, comprando um carro para ele sem consultá-lo e, assim, impondo a ele a posição constrangedora de ter que explicar para a família e os amigos como subitamente tinha comprado um Honda; convidando-o para viajar para Calabar e Kaduna com apenas um dia de antecedência; mandando mensagens de texto cruéis quando Chinedu não atendia a algum telefonema. Ainda assim, Chinedu gostara de como ele era possessivo, da vitalidade de um relacionamento que consumia a ambos. (ADICHIE, 2017, p. 82)

E, em um dia específico, Chinedu descobre que Abidemi iria se casar com uma linda mulher chamada Kemi, e isso o deixa muito abalado. Porém Abidemi exige que ele continue indo aos eventos com ele, além de apresentá-lo a Kemi com tom irônico, dizendo que ele só um grande amigo. Este fato desconsertou Chinedu, pois como alguém que diz que te ama age dessa forma, sem nem ao menos demonstrar um desconforto? Além disso, ainda te exige que aceite a situação sem opinar? Chinedu não o fez, o que o levou à desistir desse relacionamento.

É a partir desse momento que ele se encontrou no amor de Deus, foi onde ele encontrou forças para continuar, apesar das dificuldades que passava no seu dia a dia, visto que Abidemi o ajudava financeiramente. Diferentemente de Ukamaka, Chinedu preferiu se apegar a Deus e acreditar que aquilo era o melhor para ele, pois, apesar de não entender as razões, ele aceitava bem como diz em Romanos 12:2: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável vontade de Deus”. E assim ele fez, decidiu viver sua vida voltada ao segmento dos desígnios de Deus.

Por sua vez, Ukamaka, era temente a Deus e, após se relacionar com Udenna, distanciou-se da religião, o que conseqüentemente viveu em função Udenna, visto que cedia a todas as suas vontades e não se opunha a nada para não gerar algum conflito que desgastasse o relacionamento. Como se a partir daquele dia ele fosse um Deus para ela e que nada mais importava, senão ele. E o grande questionamento é, vale a pena abandonar Deus por alguém que despreza e maltrata você? É válido deixar o amor carnal ultrapassar a sua fé? Porque é tão fácil o ser humano abandonar suas crenças e não abandonar suas vontades? Porque todos nós somos propensos a errar, a pecar, e esquecer em alguns momentos da vida, mas sempre devemos reconhecer nossas falhas e voltar para Aquele que nunca nos abandonou, e que sempre vai nos amar acima de qualquer coisa.

Ukamaka é a típica figura feminina que é inferiorizada pelo sexo masculino, e que parte do pressuposto de que se ela for subserviente uma hora ela terá a devida valorização, o que não irá acontecer já que essa atitude dele é habitual em relação

ao sistema patriarcal, que utiliza do sexismo para oprimir a mulher para que não tenha voz e esteja sempre ao seu dispor, fazendo com que ela ceda seus planos para fazer as vontades dele.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O feminismo é necessário para lembrar que nenhuma luta foi em vão; para lembrar daquelas que lutaram para que nós tivéssemos os direitos que temos hoje, pois se não fosse pela persistência e força de vontade para se tornar livre, hoje ainda estaríamos em uma sociedade em que o patriarcado nos calaria [ainda mais do que já faz] e não nos deixaria crescer financeiramente, psicologicamente, academicamente etc.

Neste trabalho, foram abordadas as questões feministas e a importância da luta pela igualdade de gênero para moldar o perfil feminino de hoje, onde a maioria das mulheres já não são mais subservientes, oprimidas e silenciadas quanto anteriormente, que participam vividamente na legislação, na literatura, sendo livre para escolher o seu destino por vontade própria, além de contemplar as conquistas das mulheres negras. Apesar de que algumas ainda não possuem as mesmas oportunidades.

Este artigo é importante por trazer uma chave de leitura que busca compreender acerca das vivências da mulher negra e seu confronto com o racismo e o sexismo da sociedade, tornando-se um assunto muito atual tendo em vista que apesar de várias conquistas, sabe-se que a mulher ainda não tem seu espaço por completo devido ao patriarcado que ainda tenta nos diminuir.

Este se constitui, assim, como um tema primordial a ser analisado em sala de aula, pois tem como iniciativa a promoção de rupturas contra estereótipos com vistas a promover a igualdade de gênero. Além disso, busca proporcionar novas experiências em relação à cultura negra, para que ela tenha seu devido reconhecimento, que é pouco conhecido e trabalhado nas escolas.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Companhia das Letras 1ª edição, 25 de junho de 2017.

ANDRETA, Bárbara Loureiro. ALÓS, Anselmo Peres. **Crítica Literária Feminista: Revisitando as origens**. Fragmentum, n. 49, Jan./Jun. 2017

BlackPast, B. (2007, January 28). (1893) **Anna Julia Cooper, “Women’s Cause is One and Universal”**. BlackPast.org. Disponível em: <<https://www.blackpast.org/african-american-history/1893-anna-julia-cooper-womens-cause-one-and-universal/>>. Acesso em 18 de set. de 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Observações sobre a História das Mulheres**. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *As Mulheres e a História*. Lisboa: Publicações D.Quixote. 1995.

Disponível em:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356\\_458023.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html)>

Acesso em 25 de julho de 2021

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. A Antiguidade**, Vol 1, Porto: Edições Afrontamento, 1990.

FUKS, Rebeca. Disponível em:

<[https://www.ebiografia.com/chimamanda\\_ngozi\\_adichie/](https://www.ebiografia.com/chimamanda_ngozi_adichie/)> Acesso em: 22 de julho de 2021

HOOKS, Bell. **Ain't I a woman Black: Women and Feminism**. 1ª edição, 1981. Tradução livre para a plataforma Gueto. Janeiro de 2014

MASSUIA, Bruna Letícia da Silva. CAMPOI, Isabela Candeloro. **O livro a vindication of the rights of woman de Mary Wollstonecraft e o tema da educação feminina (1792)**

RESENDE, Roberta Mara. **Gênero e nação na ficção de Chimamanda Ngozi Adichie**. A

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Os desejos da escrita feminina na história das mulheres**. Raído, Dourados, MS, v.10 , n.21, jan./jun. 2016

UEDA, Fernanda dos Santos. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 20, n. 2, p. 535-538, ago. 2018

## SITES PESQUISADOS

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IsFcvynW4GA>> Acesso em 24 de julho de 2021

Disponível em:

[http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468180774\\_ARQUIVO\\_TextoCompletoAnaisAnpuh2016CuritibaBrunaMassuia.pdf](http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468180774_ARQUIVO_TextoCompletoAnaisAnpuh2016CuritibaBrunaMassuia.pdf) Acessado em 20 de agosto de 2021

Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/segunda-onda-feminista/> Acessado em 20 de agosto de 2021.

Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/terceira-onda-feminista/> Acessado em 21 de agosto de 2021.